



Diamantina, Patrimônio Cultural da Humanidade

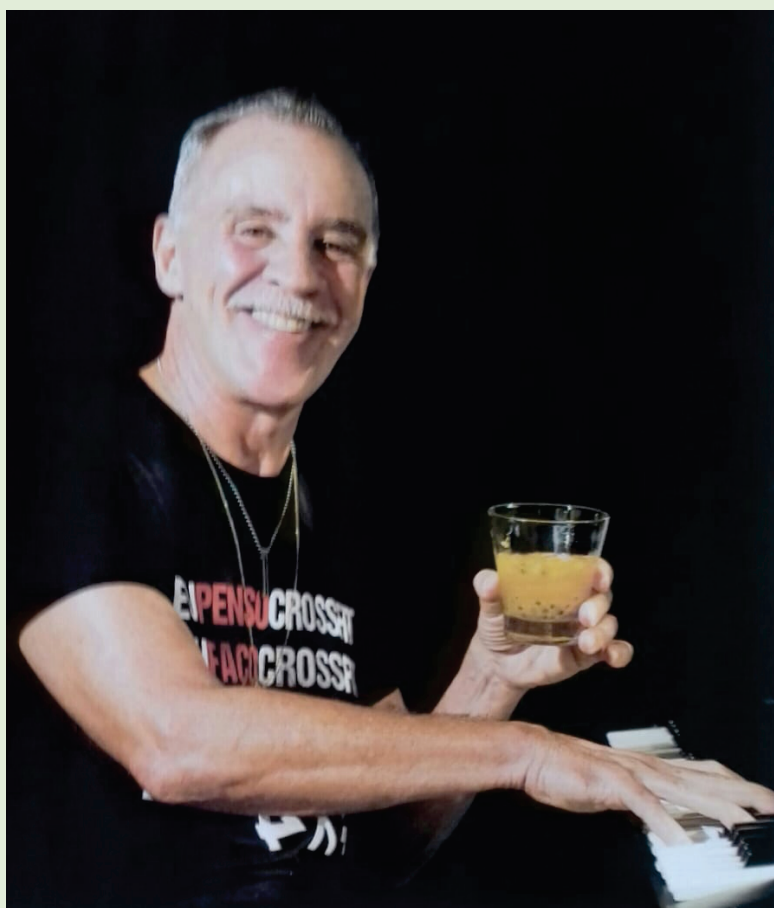


Foto: Carlos Luiz Mourão

O artista plástico Miran apresenta telas que produziu relatando momentos históricos de Diamantina, sua terra natal.

Numa profusão de cores, imagens pictóricas e fortes emoções busca homenagear essa cidade de Minas Gerais, Patrimônio Cultural da Humanidade, quando destaca fatos, coisas e pessoas que foram importantes para a consolidação da mesma.


miran artes plásticas

A construção dessa Exposição com vinte e cinco telas, visa fazer uma homenagem à cidade de Diamantina, em seus mais de 300 anos de história.

Miran, com pinceladas e cores descreve a história de brilho e riqueza dessa cidade, Patrimônio Cultural da Humanidade.

A intenção do artista é que as emoções contidas nas imagens, promova um convite aos expectadores, a se moverem, transpondo nossas montanhas, refazendo e percorrendo caminhos de pedra e reencontrando, os bens valiosos e encantadores dessa Diamantina.

Venha conhecer Diamantina e empreender uma fascinante viagem no tempo e apreciar um dos mais valiosos patrimônios Culturais da Humanidade.

Em meio a paisagens naturais de extrema beleza, se encante com o esplendor da arte barroca apresentada pelas igrejas e museus, e reviva a atmosfera de importantes momentos da história do nosso país e da hospitalidade mineira.

"Não se esqueça que,
a vida não é importar com o destino final,
mas,
com o trajeto até ele."

(Texto) Miran

“Desejo Voltar”

Dimensões : 145x95



nasci nesta região,
Vivi nessas paragens ainda criança,
sou dessa Diamantina,
do ventre de diamantes,
e retorno àquela que tudo me deu...
 minha vida,
 minha luz,
 minha alegria;
 desejo voltar,
 e em suas cachoeiras,
 me banhar;
agora minha alma se ilumina em lindas lembranças...
escrevo, desenho, coloro,
a história desse antigo arraial, “Arraial do Tijuco”,
de seus becos e sobrados, dos inúmeros campanários;
revejo a gente dessa Terra e relembro suas lendas,
do “Acayaca” ao brilho dos diamantes;
essa inigualável jóia nascida ao sopé do Itambé...
 envolto na musicalidade do vento,
 me entrego a caminhar pelos becos,
as imagens são de charme, beleza, poesia e encanto;
 tenho os olhos presos à tua magia,
 respiro toda a sua luminosidade,
e continuo seguindo, levitando por suas capistranas;
| desejo voltar,
 e em suas cachoeiras, me banhar;

Miran

20 / Maio / 2014



“Viver é preciso até o sol raiar”
(Igreja Sto Antônio e Pico Itambé)
Dimensões : 150x105

ainda é muito cedo,
a névoa da bruma vai se desfazendo,
ao leve calor do amanhecer,
dos primeiros raios do alvorejo;
e surge o general da banda,
saúda o novo dia, e,
num amanhecer dourado toda beleza se revela;
e a banda vai passar, quem vem atrás tem graça,
quem fica não sei não, e o general da banda diz:
“Viver é preciso até o sol raiar”.

A matriz de Santo Antônio, sucessora da Capelinha de Colmado, em derredor do qual a povoação se expandiu, é sem dúvida a mais imponente, um marco, uma referência da religiosidade da comunidade diamantinense. Ter fé, é alcançar uma força misteriosa, a nos proteger; uma força, suficiente para nos erguer a cada dia, e nos levar a enfrentar os desafios, as perdas, as frustrações, mas também iluminar as conquistas, as realizações.

A igreja é uma grande força e proteção, ainda bem que existe.
Que Deus nos proteja sempre.

(Texto: Miran)

**“1492 · do além mar
vieram os colonizadores”**

Dimensões:
(díptico = 2x 90x120) = 180x120.



Em 1492 os colonos europeus cobiçando ilhas e mais espaços, aportaram em regiões inóspitas, caçaram e dizimaram os nativos de todos os novos locais descobertos.

Como a Europa ao final do século XV se tornou um foco de importantes avanços militares políticos, econômicos e culturais, a Europa Ocidental ganha impulso e passa a dominar o “mundo de fora”, isto é, os dois continentes americanos, ilhas e oceanos.

O mapa da Terra em 1450 trazia um desenho repleto de vazios. As viagens de Ibne Battuta (Tânger – Marrocos), permitiu trazer à luz, um novo traçado do mundo afro-asiático.

Porém os vazios existentes nos novos mapas-múndi, despertaram o interesse dos europeus, de saber “o quê existia lá fora”. Havia um consenso de que desconheciam grandes parcelas do globo. Logo, expedições são criadas para a conquista de Novas Terras.

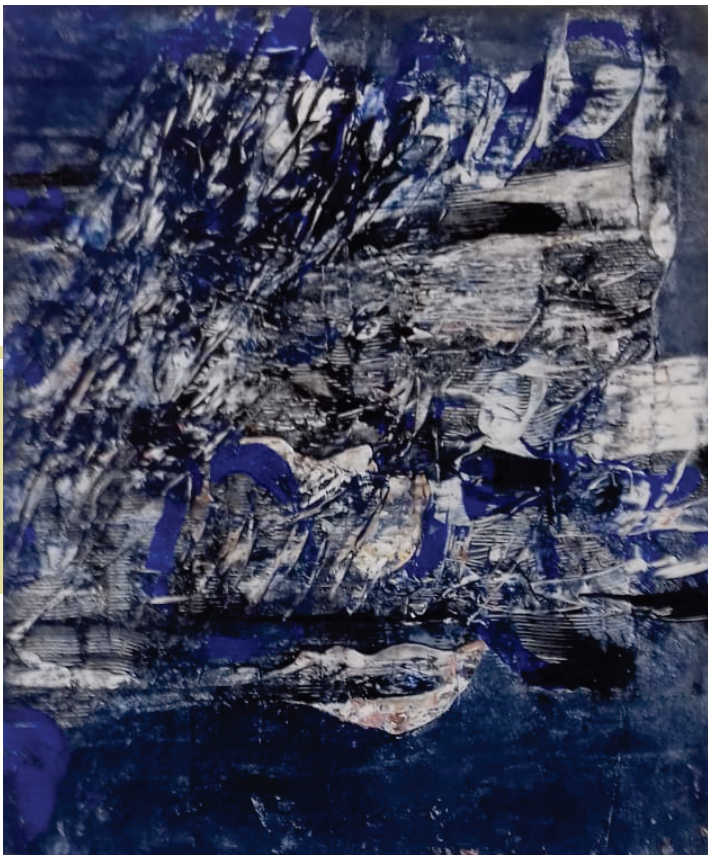
A tela retrata este momento da História quando há uma ruptura abrupta, como um corte drástico, nos conhecimentos de desenhos dos mapas-múndi, daquela época (1492).

A Europa Ocidental se direciona para o Oeste com extrema ganância, força e com agressividade avassaladora.

“É como um monstro rugindo”.

“reivindico todos esses novos territórios para o meu rei”.

(Fonte: “Sapiens – uma breve história da humanidade”)



“Caravelas no Azul Atlântico • Ano 1500”

Dimensões : 150x105

Nessa tela, em intensas pinceladas, repleta de dramaticidade e emoção, o Miran navega pelo seu inconsciente, deixando se levar nas “tormentas dos navegadores”, em movimentos gestuais. Eis que uma infinita superposição de naus, embarcações menores e caravelas, ocorrem simultaneamente.

A história relata que todas se deslocaram do “Porto do Restelo” em Lisboa, com destino à Índia.

A chegada ao Brasil foi um acidente de percurso de uma jornada que possuía objetivos estratégicos e bem definidos.

Pedro Álvares Cabral partiu no dia 09 de março de 1500, em missão, a mando do Rei Dom Manoel I (1469 – 1501), “O Venturoso”, com uma frota de 13 embarcações e cerca de 1.200 homens.

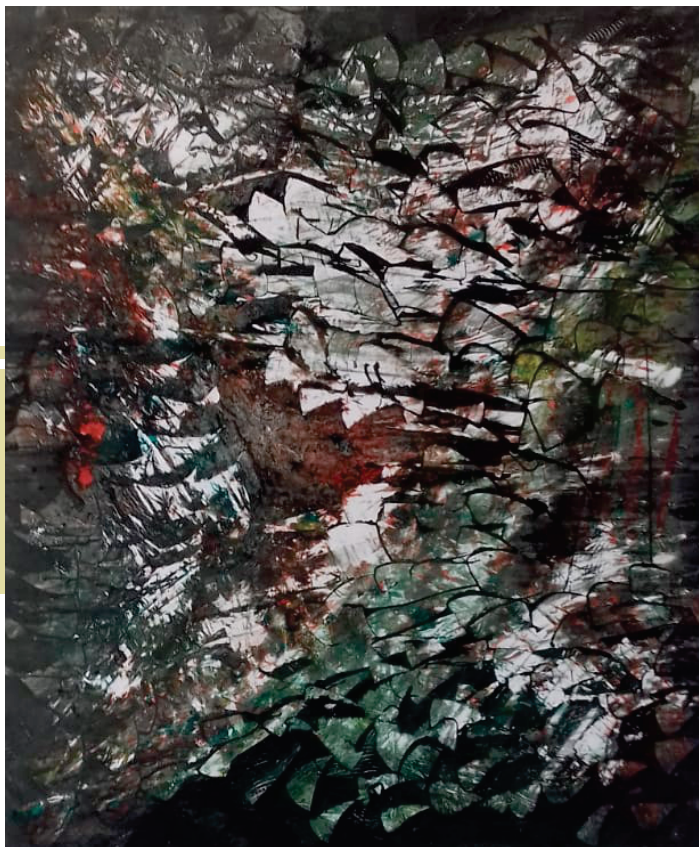
A nau de Vasco Ataíde naufragou durante uma tempestade.

A chegada dos portugueses ao Brasil foi parte do processo das grandes navegações.

(Fonte: Google)

“Folhas de Outono • Ano 1500”

Dimensões : 113 x135



A tela busca representar a beleza daquela natureza inóspita, no momento que os portugueses avistaram a região do Monte Pascoal, na atual Bahia, no dia 22 de abril de 1500. Era outono.

Houve uma grande euforia entre os marinheiros.

Uma enorme alegria contagiou a todos. No dia seguinte, foram até a Terra Firme, que acreditaram ser uma ilha, “Ilha de Vera Cruz”, depois “Terra de Santa Cruz”, e sete milhões de índios, ali habitavam. E com a primeira missa, em 26 de abril de 1500, consolida-se, a ocupação daquele território (Brasil).

Deste instante em diante, será um pequeno pulo no tempo, para se formarem as grandes expedições conquistadoras, “Os Bandeirantes”, a adentrarem todo o território, em busca de seus tesouros e riquezas inexploradas.

(Texto) Miran



“Estrada Real”
Dimensões : 113 x135

Sua construção foi iniciada no século XVII com o objetivo de escoar as riquezas minerais, ouro e diamantes, extraídos no interior das Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo.

Se tornou em uma ligação dessas regiões, produtoras de ouro / diamantes, com os portos de Paraty e Rio de Janeiro.

Através desses dois portos, toda a riqueza era enviada a Portugal.

Esses dois velhos caminhos se encontravam em Ouro Preto, prolongando-se pela “Vila Rica”, até atingir o Arraial do Tijuco, hoje Diamantina.

Com 1.600Km de extensão, hoje está transformada em um destino turístico, com 170 cidades se beneficiando desse Atrativo Turístico.

Existem 1818 marcas (Totens com selos indicativos) para sinalizar em seu eixo principal os caminhos VELHO, NOVO, dos Diamantes e do Sabarabuçu. Existe também hoje, um Caminho Religioso, com o selo “CRER”.

(Fonte: Google)

“Grupiara • Mistério Caboclo”

Dimensões : 150 x113



antes dos diamantes,
o ouro já era minerado, garimpado na região, inicialmente
conhecida como “Burgalhau”,
formada pela confluência de dois córregos riquíssimos,
posteriormente,
denominados de Rio Grande e Piruruca.
Correndo a notícia do novo descoberto do ouro, afluíram das
circunvizinhanças,
mais aventureiros.
Outras bandeiras foram chegando.
Outros locais começaram a ser explorados, surgindo das grupiaras,
cascalho aurífero,
dispostos em camadas inclinadas,
nas vertentes do montes,
ouro em abundância assombrosa,
como nunca aparecera em toda a Capitania.

Na imagem da tela procurou-se mostrar, de imediato,
toda essa exuberância das lavras,
em seu brilho aurífero.

A tela demonstra toda a alegria cabocla,
na descoberta do ouro.

(Texto) Miran



“A Árvore Acayaca • A Lenda”

Dimensões : 150 x113

diz a lenda,
que a terra pertencia aos índios Puris,
sabiam-se protegidos pela Acayaca,
frondosa e maravilhosa,
a Árvore Sagrada,
de toda a tribo;
enquanto permanecesse de pé,
os Puris nunca seriam vencidos;
no entanto,
durante uma festiva cerimônia da tribo,
que se ausentara do local da Árvore,
ela foi abatida pelos inimigos,
e muitos índios Puris,
foram mortos durante essa batalha.

(texto) Miran

“A Mãe do Rio • Índia Puris,
prestes a dar a luz”

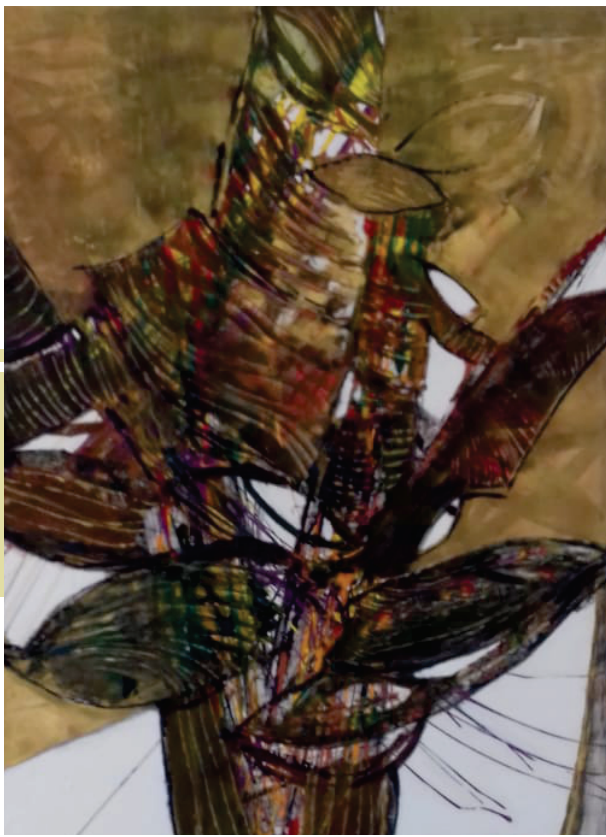
Dimensões : 90x120



numa expressa homenagem,
aos primeiros habitantes da região de Diamantina,
antiga "Burgalhau",
os índios,
aqui se fazem representar,
pela jovem filha do cacique,
no momento,
à beira do rio,
ao dar a luz,
e trazer a vida humana,
àquele local;

existe um intenso esforço físico,
porém,
uma enorme satisfação interior,
por vivenciar,
aquele instante.

(texto) Miran



“A Maldição do Pajé Piracassu”

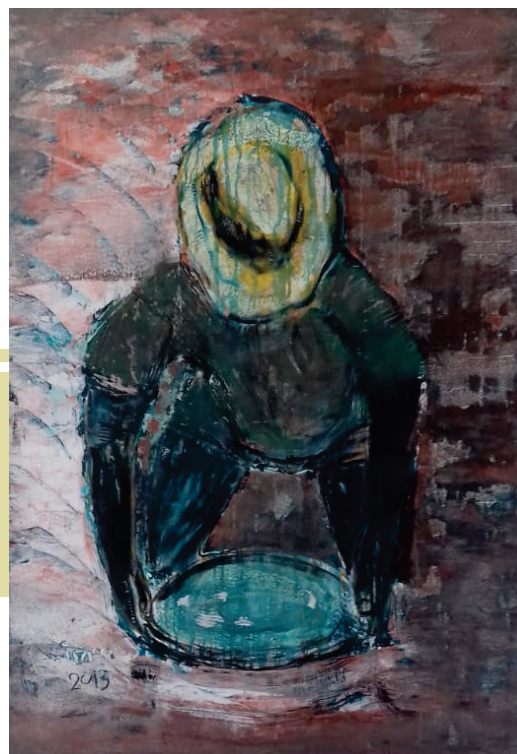
Dimensões : 90x120

ao ver sua Árvore Sagrada abatida,
o velho pajé Piracassu,
voltando-se ao Arraial,
amaldiçoou os inimigos,
uma enorme tempestade se armou,
houve uma torrente impetuosa,
de arrasar tudo;
raios e relâmpagos incendiaram os troncos,
cortados da Acayaca,
e naquela borrasca,
os carvões desceram morros abaixo,
pelos rincões,
e, em toda a terra abaixo,
em suas entranhas,
os carvões se transformaram,
em diamantes.

(texto) Miran

**“Garimpeiro 1714- descoberta
do primeiro diamante”**

Dimensões : 95x135



batea, batea,
a qualquer instante,
apreensivo o garimpeiro obstinado quer enxergar o brilho
mágico,
nem a chuva quebra sua determinação,
e atento continua a batear,
quem sabe a qualquer momento um brilho mais reluzente
fará surgir em sua bateia, a alegria;
pode ali estar a tão desejada pedra,
preciosa pela dureza, límpida e reluzente,
sonho de dias melhores longe daquele lamaçal;
"é a esperança que nunca acaba"

Essa tela ilustra o momento do fascínio,
da glória do garimpeiro,
de encontrar algo precioso,
que lhe trará,
a alegria de realizar seus sonhos;
aquela pedra reluzente, cintilante,
lhe dará o poder de conquistar
seus maiores anseios.

Dessa busca, desse empenho,
vai promover o surgimento da cidade Diamantina,
um início em 1714.

(Texto) Miran



“Arraial do Tijuco em flores”

Dimensões : 150 x113

Fraldejando o morro, deteve-se em um vasto
tremendal,
por sobre o qual serpejava outro córrego, que,
nascendo no flanco oriental do morro,
ia-se perder no Rio Grande.

Deram-lhe o nome de Tijuco, que no vocábulo
indígena, quer dizer lama, líquido podre ou brejo.

Pela vertente do morro, derramou-se o casario.

Tijuco foi o nome da nascente povoação,
que absorve os demais núcleos vizinhos,
de exploração do ouro e diamante.

É o júbilo, o início dos assentamentos,
das edificações.

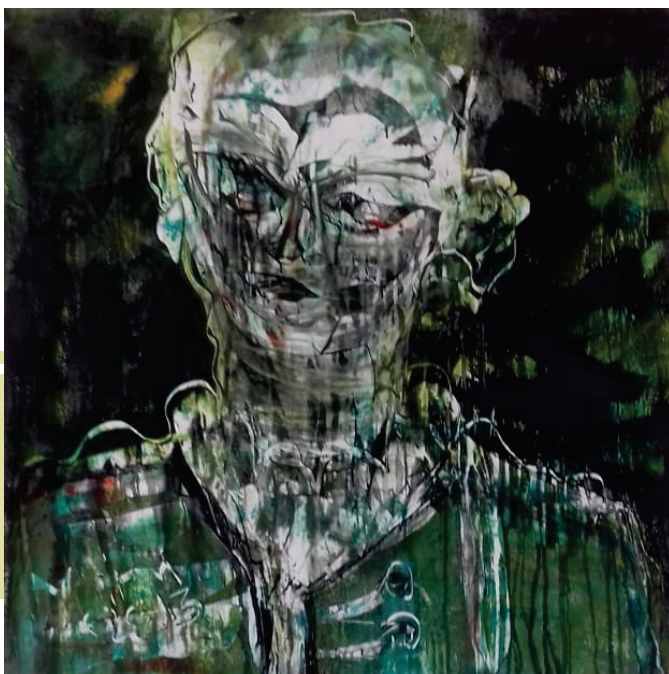
Pequenos povoados vão se ajustando,
se acomodando.

Na tela, flores crescem esguias,
altivas,
festejando este instante,
o nascimento de Diamantina.

(Texto) Miran

“João Fernandes de Oliveira, O Contratador de Diamantes”

Dimensões : 113 x113



Em 1753 chega a Diamantina, antiga Burgalhau, depois Arraial do Tijuco, Vila em 1831 e cidade em 1838, João Fernandes de Oliveira, aos 33 anos de idade. Chega para ser o representante da Coroa Portuguesa, sendo Rei o D. João V, na condição de o "Contratador de Diamantes", cargo conquistado por seu pai, também João Fernandes.

De 1753 a 1770, dezessete anos, esse desembargador, vai criar uma prosperidade nunca vista, no povoado, transformando-a num "Estado dentro da Província de Minas.

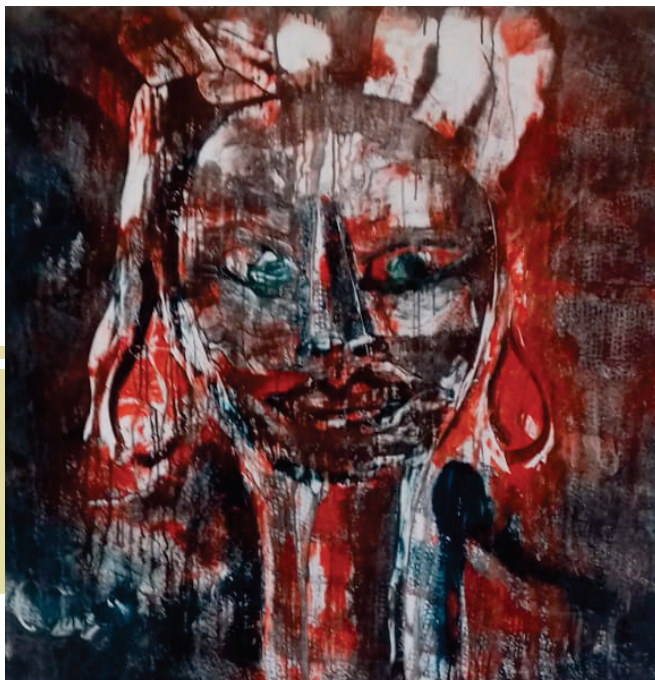
Nascido em Mariana em 1720, com equilíbrio, sensatez, organização e empreendedorismo, traz um brilho inigualável àquelas cercanias, brilho esse encontrado nos olhos de todos que o admiravam, o seguiam e o idolatravam.

Sua forma de ser, branda, amena, porém com firmeza e controle, o transformara em um "Homem acima dos demais", além do seu tempo.

Admirado e amado por todos, João Fernandes, durante 17 anos, promoverá o pequeno Arraial do Tijuco, em um mini-estado europeu, onde a música, o teatro, faziam parte do cotidiano daquela localidade.

Apaixonou-se perdidamente por Chica da Silva, com a qual teve 13 filhos. Aos 50 anos de idade (1770) recebe a notícia de que o Rei o chamara à Lisboa (a tela retrata esse momento), para adverti-lo. Eis a razão da existência do "cravo de punição" manifestado em tela, em seu olho esquerdo.

(Texto) Miran



“Chica da Silva”

Dimensões : 113 x113

Chica da Silva recebe uma péssima notícia... atenta, ouve de seu amado João Fernandes, que o Rei o convocara, para um encontro em Lisboa.

Deveria lhe dar inúmeras explicações de seu enriquecimento absurdo, das notícias que davam conta de que seus escravos também se enriqueciam, contrabandeando os diamantes.

Enfim, era chegado o momento de regressar a Portugal. João, com a voz embargada dizia a sua amada, que chegara a hora de voltar a Portugal e que provavelmente de lá jamais retornaria.

Chica, como sempre, escutou com altivez, angustiada, porém sem perder a calma e a serenidade. Sabia que nada podia fazer.

Seu amo, seu amor, tinha uma missão a cumprir.

Nem todos deveriam seguir-lhe. Dos treze filhos, somente os quatro homens puderam acompanhar o pai até Portugal.

Chica, sem poder de escolha, permanece em Diamantina com suas nove filhas, às quais finalmente se entrega de corpo e alma, dando-as amor jamais presenciado.

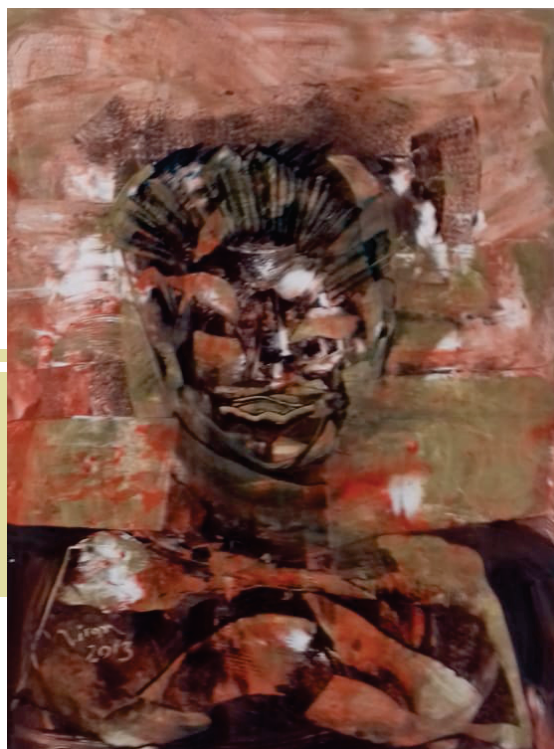
Francisca da Silva de Oliveira, ou simplesmente Chica da Silva (Serro - 1732/1796) foi escrava, depois alforriada. Filha do português Antônio Caetano e Sá com a escrava Maria da Costa.

Foi registrada no Arraial Milho Verde, no Município de Serro Frio, atual Serro. Em 1754 foi alforriada pelo Contratador João Fernandes, e já com dois filhos, passou a viver com o mesmo, ainda que nunca tivessem se casado oficialmente.

(Texto) Miran

“Mulato Isidoro”

Dimensões : 90x120



Junho de 1809,

finalmente após uma única denúncia, o mulato Isidoro é preso, encurralado por vários guardas, enviados a mando do Desembargador Manuel Ferreira da Câmara Bittencourt, o poderoso contratador nomeado por D. João VI, que assumira o cargo de Modesto Antônio Mayer, o Intendente boa-paz, que menos perseguiu os garimpeiros. Isidoro era admirado e querido por todos, pelos seus colegas escravos-garimpeiros, e pelos compradores de diamantes.

A Corte portuguesa sempre o desejou preso, por contrabandear diamantes. Este tinha um faro impressionante para descobrir onde garimpar os diamantes do Rio Jequitinhonha.

Todos os seu companheiros se deram bem, descobrindo as tão desejadas pedras cintilantes.

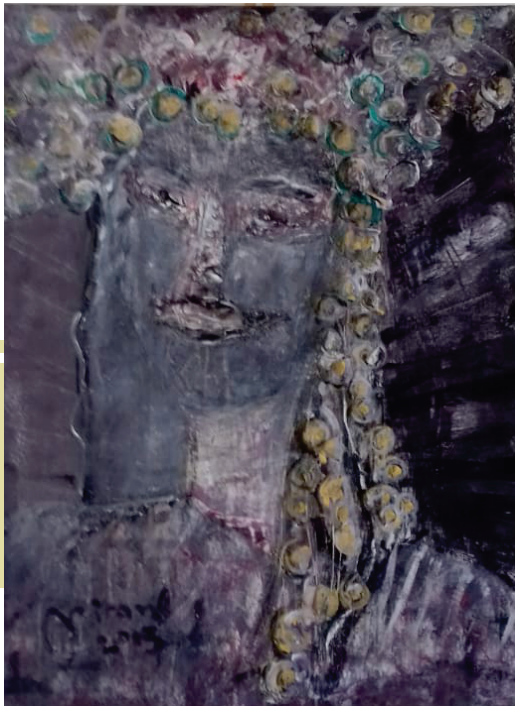
Cercado, porém desarmado, enfrentou seus opositores, e como era muito forte, ia derrubando um por um, até que três tiros o golpearam.

Estendido ao solo, foi colocado numa mula e levado a Diamantina. Durante três longos dias foi torturado para delatar seus seguidores, e nenhuma palavra se ouviu.

De temperamento forte e determinado, Isidoro preferiu se entregar às dores das torturas, do que delatar seus companheiros.

Sua coragem e força fizeram com que seus últimos momentos fossem de intensa agonia, e somente depois de derramar sua última gota de sangue, foi possível atingir o descanso eterno.

(Texto) Miran



“Baronesa Vitória”

Dimensões : 90x120

No período de 1740 a 1771 (31 anos), a Corte portuguesa designou alguns "Contratadores de Diamantes"

para organizar a extração dos minerais preciosos:

- João F. de Oliveira (pai) em sociedade com Francisco Ferreira Silva (4 anos - de 01/01/1740 a 31/12/1743);
- de 01/01/1744 a 31/12/1747 segundo contrato, os mesmos;
- Felisberto Caldeira Brant (de 01/01/1748 a 31/12/1751);
- João Fernandes de Oliveira (de 01/01/1753 a 31/12/1758 - sexto e último contrato que durou até dezembro de 1771).

Em 1755 um forte terremoto arrasa a cidade de Lisboa, e ocorreu uma grande migração de portugueses para Diamantina.

Somente se falava das grandes oportunidades de sucesso e riqueza no Distrito de Diamantina, e portanto, muitos foram para ali, atraídos pela esperança do recomeço.

Dentre os inúmeros portugueses que se deslocaram para aquelas cercanias, uma se destacou muito mais que as demais;

a Baronesa Vitória, com seus loiros cabelos, cacheados, encaracolados.

De tanta beleza e simpatia, irradiava e transmitia uma aura de sabedoria e bondade, que sua fama cortou sertões, e por todos os rincões e grotas, só se dizia dela.

Somente se ouvia falar de seus dotes, delicadeza e candura. Todos que a conheciam, logo se encantavam por ela, pela altivez, educação e olhar meigo.

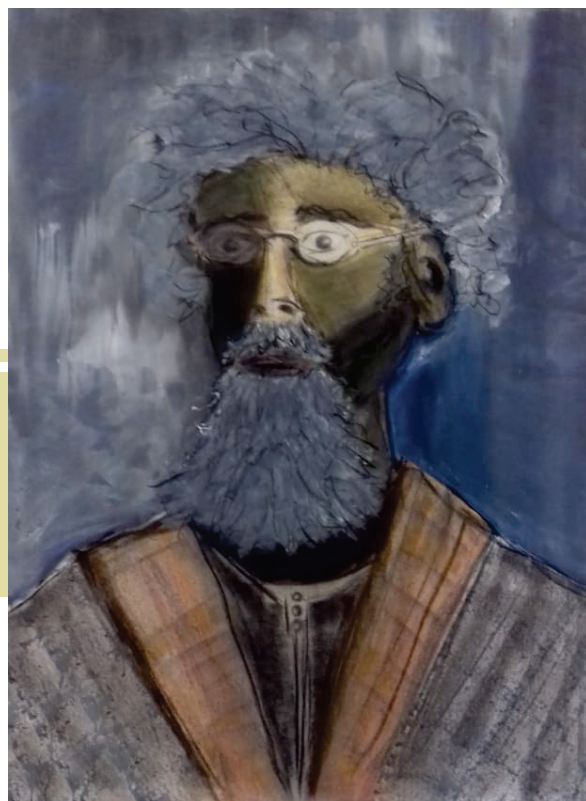
Sempre com uma conduta exemplar, teve e desempenhou papel importante, durante o final da "Era dos Contratadores" e a que a precedeu.

Personagem esquecida, é rememorada agora, e sua imagem eternizada, em cores vivas.

(Texto) Miran

“Jornalista Joaquim Felício dos Santos”

Dimensões : 90x120



"Teus tesouros são teus filhos" (frase de Aureliano Lessa - poeta)

Joaquim Felício dos Santos é o historiador de "Memórias do Distrito Diamantino", o romancista de "A Acaiaca", o jurista que redigiu um Código Civil Brasileiro, o intrépido diretor do jornal "O Jequitinhonha".

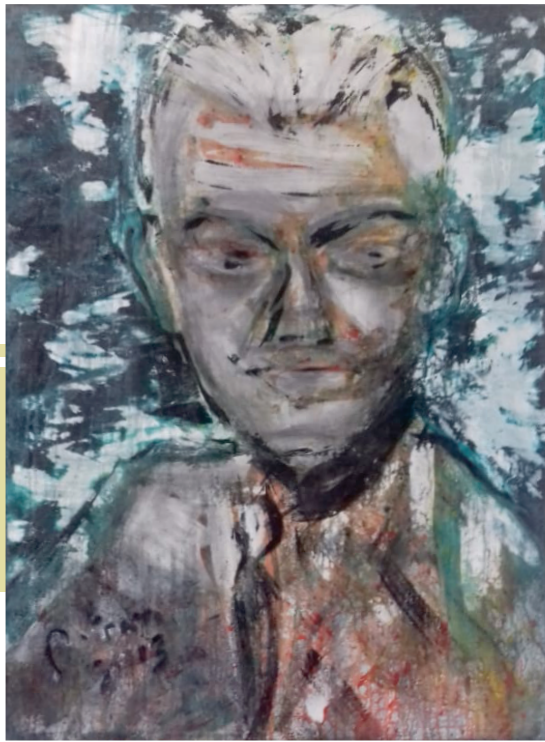
Muitos deram muito de si para que a história de Diamantina pudesse ser hoje escrita com letras douradas.

Porém, elegemos o Jornalista Joaquim Felício dos Santos para representar todos aqueles que, de alguma forma contribuíram na vida cultural daquela cidade.

Nesses mais de trezentos anos, seria impossível elencá-los, dando-lhes, auferindo a todos, uma homenagem, ao retratá-los, pelas telas pictóricas. Joaquim se torna os "Joaquins" de toda uma história.

Através de suas lentes multifocais, vê muito além desses horizontes. Liberal, se faz contrário à Monarquia, pois sua convicção ideológica republicana, anticlerical, abolicionista, o impele a criar o primeiro jornal de Diamantina, "O Jequitinhonha", tendo atravessado todo o período da Guerra do Paraguai, perdendo força somente a partir do ano de 1873.

(Texto) Miran



“Homem de Valor”

Dimensões : 90x120

Nesses trezentos anos, quantos homens de extremo valor, viveram e passaram seus ensinamentos e conhecimentos aos demais à execução da Imagem, físico-cultural e social dessa Diamantina, uma Imagem tão bem formulada, que certa vez, o Urbanista Lúcio Costa (Brasília), quando por lá esteve, exclamou: "Diamantina tem beleza sem esforço".

"Homem de Valor", a imagem pictórica aqui registrada, não se assemelha exatamente a nenhuma pessoa que tenha realmente vivido, morado na Terra dos Diamantes.

É uma simbiose de inúmeros tipos, médicos, políticos como Juscelino Kubitschek de Oliveira (1902 - 1976), Dr. João Antunes, que por três mandatos como prefeito, perseguiu o título de "Patrimônio Cultural da Humanidade" - Diamantina, até conseguiu-lo, quando a UNESCO se curvou aos encantos das tradições históricas de Diamantina.

Os homens diamantinenses, outros que ali chegaram e ficaram, são os verdadeiros tesouros da Terra.

Trabalharam, suaram, amaram, construíram suas famílias e edificaram seus lares.

Todos se assemelham ao "Homem de Valor", e possuem suas glórias, angústias e sofrimentos, que expressaram aos quatro cantos dessa cidade, beleza e emoção contidas nos sons de cada beco.

Atitude, austeridade, comportamento, ação, coragem, determinação, essas são algumas das qualidades desses cidadãos diamantinenses.

(Texto) Miran

“Homem de Valor”

Dimensões : 90x120



Presidente Juscelino

“O que minha vida pode oferecer para as gerações futuras é apenas o esforço, a tenacidade com que lutei para realizar algumas das coisas que prometi a este país.”

De Juscelino Kubitschek de Oliveira (1902–1976) tudo já foi dito e escrito. No Google são 671 mil páginas com alguma citação sobre o ex-presidente.

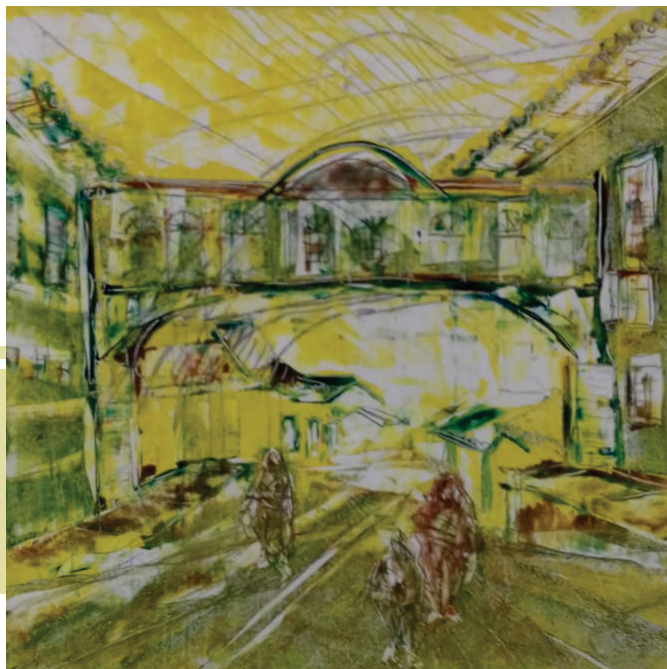
Em 1902, nasce em Diamantina, em 1914 ingressa no seminário, em 1919 é aprovado no concurso para telegrafista do Correios em BH, em 1922 entra para a Faculdade de Medicina de MG, em 1926 começa a trabalhar na Clínica Cirúrgica da Santa Casa, em 1927 forma-se em Medicina e abre um consultório particular, em 1928 é nomeado professor assistente na Faculdade de Medicina, em 1930 faz cursos e estágios na Europa, em 1932 é nomeado Capitão-Médico da PM de MG, em 1933 inicia sua carreira política como Secretário de Governo, em 1934 é eleito Deputado Federal no Rio de Janeiro, em 1937 tem sua carreira política interrompida pelo Estado Novo, em 1940 é nomeado Prefeito de Belo Horizonte, em 1943 inaugura o Conjunto Arquitetônico da Pampulha, projetado por Oscar Niemeyer, em 1945 é eleito Deputado Federal, em 1950 é eleito Governador de MG, em 1952 cria a CEMIG, em 1956 é eleito Presidente da República com seu reclame “50 anos em 5”, em 1957 lança o Plano Piloto para a construção de Brasília, em 1960 inaugura a cidade de Brasília, em 1961 é eleito Senador por Goiás, em 1964 tem seus direitos políticos suspensos com o golpe militar e se exila na Europa, em 1967 volta para o Brasil, em 1975 lança o livro de memórias “Meu Caminho para Brasília”, em 1976 sofre um acidente automobilístico fatal, em 2022 segue VIVO nos corações dos brasileiros.

Juscelino, o homem público que trouxera da sua infância o convívio com a simplicidade, e, no poder soube incorporar a solenidade de seus cargos sem perder a ternura.

O imortal JK.

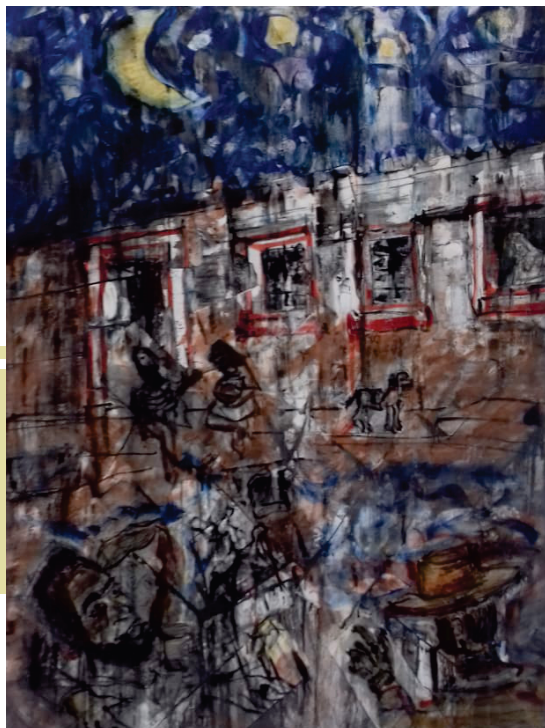
“Passadiço da Glória”

Dimensões : 113 x113



quantos mistérios pode um passadiço guardar!
quantas pessoas por ele passaram,
de um período ao outro, e as histórias?
protegidas e resguardadas,
iam e vinham a toda hora;
e por baixo outras pessoas também passavam,
e até animais, mulas e burros de carga;
todos cruzavam em nível inferior;
histórias íntimas, histórias abertas e declaradas,
ocorriam simultaneamente;
e nesse vai-e-vem a vida se transcorria;
criada no final do Século XVIII e início do SÉCULO XIX,
tal elemento arquitetônico tornou-se célebre,
e até hoje,
nos empolga,
seja pela elegância de sua viga central,
pela importância histórica,
ou ainda,
pela visão inusitada que se tem,
quando se depara com a mesma;
e,
neste "Túnel do Tempo",
mais de trezentos anos de história,
se passaram.

(Texto) Miran



“Duas Serenatas”

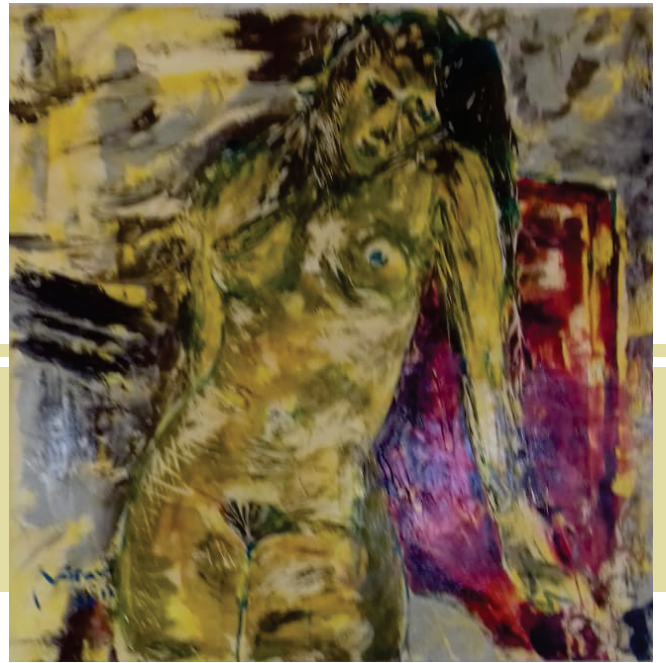
Dimensões : 113 x150

Diamantina no contínuo movimento dos seus
becos,
produz uma sonoridade trazida pelo vento,
que a todos contagia;
inspira-se e se expira música em toda a cidade,
até podemos ouvir o som que vem das capistranas;
em noites enluaradas, grupos de seresteiros
invadem as ruas e becos,
a música está sempre no ar;
serenatas, vesperatas,
enamorados, um casal compõe uma canção,
que fala de amor,
e a alma está a cantar...
é preciso ir lá prá ver,
"é belo o cantar de todos."

(Texto) Miran

“Profissão Deserta - Beco do Mota”

Dimensões : 110x110



"Profissão deserta, deserta
Homens e mulheres na noite
Homens e mulheres na noite desse meu país,
acabaram com o beco
mas ninguém lá vai morar" ...
(Milton Nascimento - Fernando Brant)

...agora um som, corta a noite escura,
um lamento, uma solidão,
sinto que uma imensa tristeza me abate,
meu rosto se desfaz,
com as lembranças de tempos atrás,
memórias se transformam em lágrimas;
como acabei nesse lugar!
havia uma vida, uma família,
e agora!
mas ainda não é o final,
apenas vivo nessas sombras,
logo poderei me afastar,
e uma nova vida trilhar;
pela manhã,
quando o sol raiar,
irei retornar.

Miran



“O Sofrimento de Sofia”

Dimensões : 113 x150

Você foi embora mãe,
sinto frio e solidão na alma,
pela vidraça, meu horizonte parece uma noite escura,
busco pelo teu olhar,
para me confortar, mas nada aparece,
você sumiu por encanto entre as brumas,
minhas palavras estarão perdidas, sumidas,
no meu desencanto de sua ausência;
meus olhos se fecham,
uma profunda tristeza me envolve,
sinto frio onde havia calor,
sei que você nunca mais retornará,
não mais terei seu carinho,
seus beijos de afago em meu rosto,
seus abraços em meu corpo, a proteção e segurança,
que sempre me transmitiu,
que sofrimento abismal, esse...
um silêncio enorme domina meu ser
como uma densa noite escura;

Nessa tela o Miran interpreta a dor sentida por pessoas e familiares,
que de alguma forma perderam familiares e amigos durante a
disseminação
do vírus da COVID-19 pelo mundo afora, durante o período de 2019 a 2022,
que dizimou milhões de pessoas.

(Texto) Miran

“O Povo do Lugarzim”

Dimensões : 150 x113



O tempo, o caminho e o presente momento,
são as coisas mais importantes dessa vida,
pois nos permite,
vivenciar nossas vidas,
e desejo neste momento,
esbanjando nas cores e nas flores,
referenciar meus pais, Clímaco e Tetela,
que me permitiram existir neste plano,
nascendo em Diamantina e tendo ainda,
cinco irmãos, Vero, Ferdinando, Sebastião,
Marco Antônio e Tito Herculano;
uma bela família,
da qual me orgulho de pertencer,
sou o quê sou por causa deles todos,
pela maravilhosa educação que me transmitiram,
sou grato por tudo,
pelo berço Diamantina e pela amizade e
fraternidade de todo o povo de lá,
ao som da música do Ladston, Antônio Martins e
Fernando Brant,
eternizaremos esse momento.

"Esse povo vive em mim onde eu estiver".

(Texto) Miran



“MATER e PATER - Bate o tambor Naná”

Dimensões : 140 x140

Diamantina é música, e não há quem visite a cidade e não se encante com sua musicalidade.

"Aqui até as pedras cantam" (frase: Maestro Alex)

Desfiles de escolas e blocos de samba, as batucadas, como os blocos caricatos, são legítimos representantes da Cultura Popular e fazem do Carnaval de Diamantina, um dos melhores do Brasil. A "Bartucada" nasceu no carnaval de 1972, por iniciativa dos irmãos da família Fabrino.

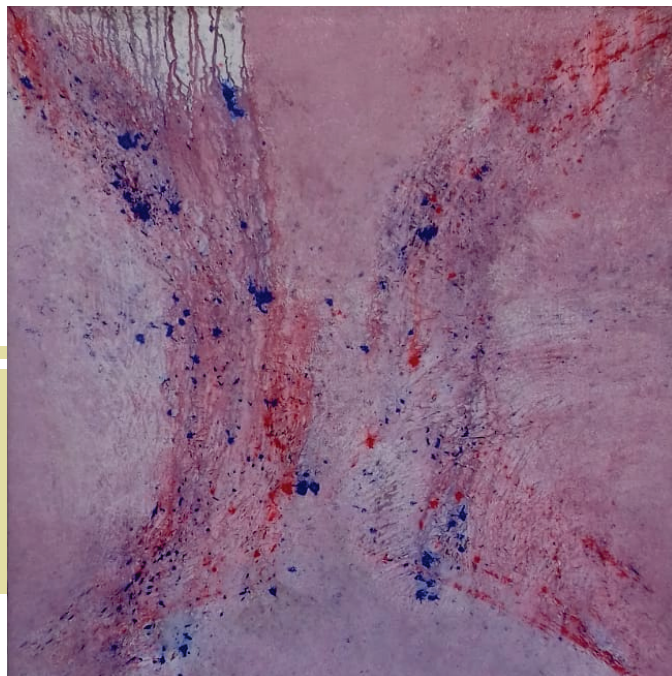
Até hoje preservando sua identidade, toca continuamente.
Diamantina em seus becos tortuosos e belos sobrados, sempre será cenário ideal para rolar a euforia;
de porre em porre a multidão vai atrás dos blocos,
no ritmo do samba, liberdade, liberdade,
dentro da cadência,
apenas a seguir o coração,
a música na alma,
e vamos lá,
pelas capistranas à sambar;

"Bate um tambor, Naná
Bate um tambor...
Bate um tambor, Naná
Bate um tambor...
(...que me mandou dizê...)"

Música: Ladston Nascimento - Letra: Antônio Martins

“Diamantina, festas Sagradas, noites Divinas”

Dimensões : 140 x140



Foi gratificante fazer essa justa homenagem à minha Terra Natal - DIAMANTINA, quando permiti que minha alma liberasse seus sentimentos mais profundos expressos nessas telas dentro de uma profusão de cores e emoções.

Me senti reconfortado e feliz pela experiência.

Difícil aqui enumerar todas as pessoas que colaboraram e ajudaram ao Miran, a concretizar essa Mostra.

À todos esses amigos e amigas, meus agradecimentos mais sinceros, em especial, aos músicos que homenagearam nossa cidade, com suas composições, letras e músicas, como Antônio Martins, Fernando Brant, Ladston Nascimento, Geraldo Vianna e demais instrumentistas integrantes do grupo. (Letra da Música)

"Diamantina, Chica da Silva,
Negro diamante raro, as festas sagradas,
as noites divinas, belas meninas,
Diamantina até se transformou, numa lua clara,
uma flor que exala;
A essência do amor, que me prende a fala,
Quem pensou na vida? Quem irá pensar?
Que Diamantina também é mulher?
Que guarda seus segredos
Nos olhos dos homens de lá.
Quem conheceu, conhecerá?
E os homens lá pelas ruas,
Quem viver verá!"

Música de Ladston Nascimento e Antônio Martins.




Miran é o pseudônimo artístico do Arquiteto e Urbanista Frederico Miranda Diniz, natural de Diamantina e formado pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG.

Iniciou nas artes plásticas no ano de 2000, sempre se dedicando ao ato da criação, através de desenhos, croquis, esboços, esculturas e painéis abstratos para decoração de halls de edificações residenciais e comerciais.

Na arte abstrata desenvolveu sua marca inconfundível, a liberdade, utilizando técnicas de raspagens e superposição de cores, formas, massa e tinta acrílica. Seus traços deslizam volumosos sobre a tela, traduzindo nas suas obras a expressão mais pura do infinito e da fonte inesgotável da sua imaginação.




miran artes plásticas

(31) 98705-1000 

miranarte@gmail.com 

ATELIER:

CENTRO COMERCIAL CLÍMACO RAMOS DINIZ 
R. Rio de Janeiro, 1584 - 4º andar - Lourdes / Centro